



Fortalecendo as bases teóricas para uma pesquisa sobre educomunicação e meio ambiente¹

Dayane NOGUEIRA²

Mirna TONUS³

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

RESUMO

O texto aborda a relação entre a comunicação e a educação ambiental a partir do conceito de educomunicação. A partir de revisão bibliográfica, pretende-se, com a discussão teórica sobre o termo, mostrar a importância da educação para a conscientização da sociedade como um todo e, principalmente, de estudantes, no que se refere ao meio ambiente. Este trabalho resulta de pesquisa em andamento na Universidade Federal de Uberlândia, envolvendo os cursos de Comunicação Social: habilitação em Jornalismo e Pedagogia, com foco na interdisciplinaridade e nos temas transversais voltados ao meio ambiente, os quais integram os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

PALAVRAS-CHAVES: comunicação; educação; educomunicação; meio ambiente.

INTRODUÇÃO

O artigo busca fortalecer teoricamente os conceitos da educomunicação e estabelecer a importância desse campo, quando trabalhado junto com questões socioambientais, como um mecanismo para melhorar o desempenho do processo educativo. O trabalho faz parte do projeto de pesquisa “Comunicação, Educação e Questão ambiental: o uso da educomunicação, nas escolas estaduais e municipais de Uberlândia, para trabalhar o tema transversal do meio ambiente”⁴, desenvolvido em parceria entre os cursos de Comunicação Social e Pedagogia da Universidade Federal de Uberlândia.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação do 3º período do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da UFU, email: dayane_nogueira15@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da UFU, email: mirna@faced.ufu.br

⁴ Projeto aprovado com bolsa de pesquisa pelo Edital PROPP 005/2009 - PIBIC/Fapemig/UFU



As atividades de educomunicação têm grande potencial na aprendizagem dos alunos e fortalecer a realização de tais atividades é uma contribuição para a sociedade, à medida que pode facilitar a preparação de crianças e jovens para os desafios ambientais que terão de enfrentar na vida adulta. Para mostrar essa importância, serão apresentados conceitos fundamentais, a partir da realização de uma pesquisa bibliográfica com autores nacionais que se destaquem nas áreas de Comunicação, Educação e Meio Ambiente, configurando a base teórica do projeto de pesquisa mencionado.

A CONSOLIDAÇÃO DA EDUCOMUNICAÇÃO

Durante a Modernidade, prevaleceu na sociedade um modelo de educação formal que visualizava o aluno como mero receptor de conhecimentos previamente selecionados pela escola. Segundo Durkheim (1990), a educação consistia meramente “num esforço contínuo para impor à criança maneira de ver, de sentir e de agir”. Soares (2000) revela que, à época, a educação foi separada da comunicação de tal forma que ambas passaram a exercer funções distintas e neutras entre si. Entretanto, a situação mudou a partir do momento em que tanto a educação quanto a comunicação precisaram se reinventar com a chegada do capitalismo. “À medida que o avanço da ciência e o da técnica se subordinam ao comando do mercado e que este vai se tornando o grande regulador das relações sociais, tudo tende a ser avaliado em termos de funcionamento, de eficácia, de ajustamento aos novos imperativos tecnológicos” (FIGUEIREDO, 1999, p. 4).

Diante disso, o indivíduo precisa aprender a lidar com essas novas tecnologias, proporcionando uma melhor integração sua na sociedade. Kenski (2007) afirma que, para que ocorra essa integração, é preciso que os comportamentos e os valores do grupo sejam passados através das gerações, “ou seja, que se utilize a educação para ensinar sobre as tecnologias que estão na base da identidade e da ação do grupo e que se faça uso delas para ensinar as bases dessa educação” (p. 43). Dessa forma, tecnologia e educação passam a ter uma relação indissociável.

Francisco Gutierrez, um dos pioneiros na América Latina em estudar a inter-relação entre comunicação e educação, acreditava, na década de 1970, que os métodos tradicionais de ensino não atendiam mais as necessidades da época. Para ele, era necessário “revisar a educação à luz das novas exigências que nos oferecem os meios de comunicação social, tanto por seu conteúdo quanto por suas formas” (GUTIERREZ,



1978, p. 14 *apud* BERNARDI, 2007, p. 3). Hoje em dia, com um desenvolvimento das técnicas de comunicação muito maior que aquele visto na década de 1970, a necessidade da readequação de educação para a comunicação e do uso das tecnologias e da gestão comunicativa é ainda mais forte e aparece sob o conceito de um novo campo de intervenção social e educativa: a Educomunicação.

O termo educomunicação, empregado pela primeira vez por Mario Kaplun, filósofo da educação, é resultado da convergência entre as áreas de comunicação e educação, que “busca ressignificar os movimentos comunicativos no âmbito da educação” (BERNARDI, 2007, p. 3). De acordo com Ismar Soares, um dos principais estudiosos da educomunicação no Brasil, três conceitos importantes ganham destaque na América Latina. São eles a mediação tecnológica nos espaços educativos, a educação frente aos meios de comunicação e a gestão da comunicação no processo de aprendizagem (SOARES, 2002, p.18).

O primeiro desses três conceitos, segundo o autor, diz respeito aos impactos provocados pelas tecnologias e ao uso das ferramentas da informação nos processos educativos. Soares, citando Martín-Barbero, afirma que um exemplo da intervenção causada pelos meios de comunicação é o surgimento de um ecossistema comunicativo, formado por alunos que aprendem com professores, professores que aprendem com alunos, alunos que aprendem com alunos, comunidade que aprende com alunos (RODRIGUES, 2009 *apud* SALDANHA; SANTOS; TONUS, 2009, p. 7), resultando assim um deslocamento nas funções dos atores do processo educativo, uma situação em que educador e educando assumem papéis de sujeitos cognoscentes, transformando-se em “educador-educando” e “educando-educador” (FREIRE, 1977).

A educação para a comunicação ocorre quando são analisadas as relações entre os participantes do processo comunicativo na recepção das mensagens. Há, nessa área, o movimento da leitura crítica de mídia, caracterizado como a habilidade de acessar, analisar, avaliar e comunicar as mensagens em uma grande variedade de formas, ampliando os recursos do uso da informação.

Assim, Ismar Soares afirma que a educomunicação parte do conceito de gestão comunicativa, uma área para o planejamento e execução de políticas de comunicação educativa, com o objetivo de desenvolver ecossistemas comunicativos mediados pela comunicação e pela tecnologia. O reconhecimento em nível nacional da educomunicação se deu na conclusão do Fórum Mídia e Educação, em São Paulo, em 1999 (SOARES, 2009, p. 10 *apud* SALDANHA; SANTOS; TONUS, 2009, p. 5).



A QUESTÃO SOCIOAMBIENTAL E A EDUCOMUNICAÇÃO

O *boom* tecnológico, que começou no final do século XX, ocorre simultaneamente com outro processo de igual importância: o desequilíbrio socioambiental. O rápido crescimento da população e a forte pressão sobre os recursos naturais causaram um desequilíbrio que coloca em risco a sobrevivência da humanidade. A realização de conferências mundiais para debater os problemas ambientais, como a Conferência de Estocolmo⁵ e a Rio-92⁶, fez com que essa problemática ganhasse destaque na programação da mídia à medida que o tema “chamava a atenção não apenas da comunidade científica, mas das instituições governamentais, das entidades civis e da própria população” (RAMOS; RAMALHO, 2003, p. 2). Os autores afirmam que uma “onda ecológica”, a partir dos anos 1990, tem invadido os meios de comunicação e se manifestado das mais diversas formas: comerciais, novelas, telejornais.

De acordo com Carmo e Bonini (2009, p. 3),

a questão ambiental no Brasil passou a ter relevância jurídica com o advento da Lei nº 6.938, que instituiu a Política Nacional do Meio Ambiente com o objetivo principal de compatibilizar o desenvolvimento econômico-social com a preservação da qualidade ambiental, do equilíbrio ecológico e da preservação dos recursos existentes.

Com o fortalecimento do tema ambiental no cenário nacional e global, surge a necessidade de conscientizar a população. Carmo e Bonini afirmam que a consciência ecológica, desenvolvida por meio do Direito Ambiental⁷, é “que irá proporcionar o

⁵ Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, reunida em Estocolmo (Suécia) em 1972.

⁶ A Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, que aconteceu no Rio de Janeiro em 1992, ficou conhecida como Rio-92.

⁷ O Direito Ambiental, consagrado à categoria de Direito Humano Fundamental, baseia-se na proteção do meio ambiente como um todo e na assecuração de uma melhor qualidade de vida, em um meio ecologicamente equilibrado. Os princípios do Direito Ambiental estão fundados em diversos documentos da Organização das Nações Unidas (ONU) e estão presentes nas Cartas Magnas de diversas nações, assim como na Constituição Federal de 1988. Sua principal tarefa é estabelecer e viabilizar a aplicação de normas que restringem o uso dos recursos ambientais, controlando sua utilização para que seja efetuada de forma planejada, ou mesmo para que seja proibida a exploração, quando se tratarem de bens escassos, em vias de extinção ou de lenta recuperação (CARMO E BONINI, 2009).



sucesso na prevenção e precaução do dano ambiental” (2009, p. 10). A partir dessa visão, é preciso que cada habitante do país se torne um “defensor ativo da natureza, em um sujeito capaz de empregar, de modo adequado, todos os recursos de informação disponíveis em seu espaço para mobilizar sua comunidade na defesa do ambiente e em sua revitalização” (SOARES, 2008, s. p. *apud* SALDANHA, SANTOS E TONUS, 2009, p. 6).

Essa demanda por uma sociedade conscientizada ecologicamente está entrelaçada com a educação, à medida que esta combate diversos causadores de impactos negativos para o ambiente, como o consumismo. Soares (2000, p. 17), citado por Saldanha, Santos e Tonus (2009, p. 7), afirma que o sistema educativo deve “envolver-se – em seu confronto com a moderna produção – com o mercado, o consumo e o sistema de comunicação que o serve”. Cabe aos professores readequar a escola e adaptar-se às exigências desse novo contexto, do qual fazem parte, intrínseca e indiscutivelmente, os meios de comunicação.

Nesse ponto, coloca-se em questão a função da educação: preparar os indivíduos para serem cidadãos ou prepará-los para o mercado profissional? De acordo com Parente e Vaz (1999), a sobreposição da formação para o mercado resultaria na desestruturação do ensino público. Para os autores, a solução seria “operar produtivamente na tensão entre preparar cidadãos e preparar profissionais [...]”, ou seja, “preparar para a vida” (p. 82). Gutierrez também afirma que é preciso preparar o aluno para a vida, considerando, no processo educativo, sua afetividade, percepções, sentidos, criatividade, crítica e outras características específicas de cada aprendiz (GUTIERREZ, 1978 *apud* BERNARDI, 2007, p. 3).

Diante desta questão, os educadores têm quatro caminhos possíveis para seguir: “ignorar a influência dos meios, introduzi-los sem a preocupação de explicá-los, explicá-los sem a preocupação de contextualizá-los ou utilizar a educomunicação” (SALDANHA; SANTOS; TONUS, p. 3). Partindo do pressuposto de que o educador deve preparar o aluno para a vida, o último caminho mostra-se bastante adequado.

O uso da educomunicação pelo professor possibilita uma nova significação do papel da escola e também dos alunos no ambiente escolar. Bernardi (2007) afirma que, por meio de práticas educomunicativas, os alunos podem “expressar sua voz” e realizar “atividades de cunho criador” dentro do ecossistema comunicativo citado por Soares. Dessa maneira, a antiga concepção de educação, baseada na transferência dos saberes aos alunos, encarando-os como receptores passivos, constitui um obstáculo para o



educador que quiser usar a educomunicação, já que sua tarefa “é a de problematizar aos educandos o conteúdo que os mediatiza, e não a de dissertar sobre ele, de dá-lo, de estendê-lo, de entregá-lo, como se tratasse de algo já feito, elaborado, acabado, terminado” (FREIRE, 1977, p. 81).

Freire ainda afirma que ao problematizar os educandos, o educador também se torna problematizado. Ou seja, o conhecimento, em vez de ser transmitido do educador para o educando, que nada faz a não ser memorizá-lo, passa a ser construído na relação entre educador-educando e educando-educador e o uso das tecnologias de comunicação no processo educativo permite que essa situação seja realizada.

Soares (2002, p. 20) afirma que “a aprendizagem se dá na medida em que o indivíduo sente-se tocado, envolvido, conectado. Desta maneira, o ambiente mediado por tecnologias pode ajudar a produzir sentidos, convertendo-se em mediação. É o sentido que provoca a aprendizagem, não a tecnologia”. É nesse processo de geração de sentido que o professor se faz necessário, para provocar questionamentos que desencadeiem mudanças no comportamento dos alunos em relação à preservação do meio ambiente, fazendo com que estes passem a tratar de maneira correta o ambiente em que vivem, já que, de acordo com Bernardi (2007, p. 12), “não se pode falar em aprendizagem se não houver mudanças de conduta”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, é possível perceber a necessidade de sensibilizar os cidadãos, principalmente os alunos, para a importância da discussão sobre a proteção do meio ambiente, e a junção da educomunicação com a educação ambiental pode levar a tal situação.

Embora a educomunicação esteja se consolidando como campo de intervenção educativa, há ainda muito o que explorar nessa área. Juan Rada afirma que os resultados que podem ser obtidos na relação entre educação e comunicação são “complexos e diversos: alguns são aparentemente superficiais, outros envolvem transformações profundas, muitos podem ser conseguidos em curto prazo e outros devem ser explorados e descobertos ao longo do tempo” (RADA, 2004, p. 109).

Tendo isso em vista, o próximo passo do projeto “Comunicação, Educação e Questão ambiental: o uso da educomunicação, nas escolas estaduais e municipais de Uberlândia, para trabalhar o tema transversal do meio ambiente” será selecionar e



visitar os locais onde atividades educacionais são realizadas em Uberlândia, para a coleta de dados, como planos de aula, materiais educacionais e aplicação de entrevistas e questionários com alunos, professores, coordenadores, diretores, equipe de apoio e comunidade no entorno das escolas.

A partir dessa coleta, que depende de autorização dos órgãos responsáveis nos âmbitos municipal e estadual, pretende-se mostrar as principais fraquezas e acertos da realização dessas atividades, apresentar resultados que desencadeiem mudanças positivas no processo de aprendizagem em relação ao uso da educação e, então, colocar esse tema na agenda de preocupações da sociedade em geral, devido a sua importância.

REFERÊNCIAS

BERNARDI, Marcela Galvão. **Educomunicação: uma proposta para a educação ambiental**. I Colóquio Mídia & Agenda Social, 2007. Disponível em < http://www.informacao.andi.org.br/relAcademicas/site/anais_coloquio.htm>. Acesso em 30 mai. 2010.

CARMO, Jean Pereira de Azevedo do; BONINI, José Carlos. **O direito ao meio ambiente equilibrado no Brasil: pressuposto na Legislação Ambiental Brasileira**. VI Congresso de Meio Ambiente da AUGM, 2009. Disponível em < <http://www.ambiente-augm.ufscar.br/> >. Acesso em 1 jun 2010.

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1990.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain. A África e o ferro de engomar. In: FIGUEREDO, Vera Lúcia Follain (org). **Mídia e educação**. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999, p. 1-13.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e tecnologias: O novo ritmo da informação**. Campinas: Papyrus, 2007.

PARENTE, André; VAZ, Paulo. Ensino na Era da Informação. In: FIGUEREDO, Vera Lúcia Follain (org). **Mídia e educação**. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999, p. 75-94.

RADA, Juan. Oportunidades e riscos das novas tecnologias para a educação. In: TEDESCO, Juan Carlos (org). **Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza?** São Paulo: Cortez; Buenos Aires: Instituto Internacional de Planeamiento de la Educacion; Brasília: UNESCO, 2004, p. 109 – 119.

RAMOS, Paulo Roberto; RAMALHO, Deolinda de Sousa. **A mídia do meio ambiente**. VII Colóquio Internacional sobre a Escola Latino-Americana de Comunicação - Celacom, 2003. Disponível em



<http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/A_m%C3%ADdia_do_meio_ambiente>.
Acesso em 1 jun 2010.

SALDANHA, Felipe Gustavo Guimarães; SANTOS, Adriana Cristina Omena dos; TONUS, Mirna. **Projeto Jogo Limpo: uma experiência local da educomunicação para o meio ambiente**. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009. Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/>>. Acesso em 30 mai. 2010.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. In: **Comunicação Educação**, nº 20, set/dez 2000, p. 12-24.

_____. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. In: **Comunicação Educação**, nº 23, jan/abr 2002, p. 16-25.